

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

PRODUTO EDUCACIONAL Relato de Prática

Fabiana França Barbosa

Amanda Cristina Teagno Lopes Marques



Relato de Prática

**A escuta, a observação e a participação das
famílias nos fazeres da educação infantil:
desconstruindo uma pedagogia transmissiva e se
aproximando das pedagogias participativas**

Fabiana França Barbosa

Amanda Cristina Teagno Lopes Marques

São Paulo (SP)
2022



Produto Educacional apresentado como requisito à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São Paulo.

Catálogo na fonte
Biblioteca Francisco Montojos - IFSP Campus São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

b238b Barbosa, Fabiana França
BEBÊS E CRIANÇAS DO BERÇÁRIO COMO CIENTISTAS
DAS COISAS: valorizando suas pesquisas / Fabiana
França Barbosa. São Paulo: [s.n.], 2022.
306 f.

Orientador: Amanda Cristina Teagno Lopes
Marques

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de
Ciências e Matemática) - Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, IFSP,
2022.

1. Currículo No Berçário. 2. Educação Infantil.
3. Educação Científica. I. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo II.
Título.

CDD 510



Produto Educacional. Relato de Prática: A escuta, a observação e a participação das famílias nos fazeres da educação infantil: desconstruindo uma pedagogia transmissiva e se aproximando das pedagogias participativas de por Fabiana França Barbosa está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Autoras

Fabiana França Barbosa, Licenciada em Pedagogia pela UNIFIEO. Mestranda no Ensino de Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Pós graduada em Práticas de Letramento e Alfabetização (UFSJ); Planejamento, Implementação e Gestão em EAD (UFF); Mídias na Educação, (UFPE); Supervisão Educacional, Educação Especial e Metodologia da Matemática, (FSL). Foi professora de educação básica no município de Taboão da Serra (SP) por 21 anos. Atualmente é professora de Educação Infantil na Prefeitura de São Paulo, em cargo designado na Diretoria Regional de Ensino do Butantã como Assistente Técnico Educacional, atuando na formação de gestores e educadores da Educação Infantil. E como bolsista CAPES exercendo a função de tutora do curso de Pedagogia da Unesp no polo de Capão Redondo (SP).

Amanda Cristina Teagno Lopes Marques, Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Mestre e Doutora em Educação pela mesma instituição. Foi professora de Educação Infantil da Rede Municipal de São Paulo, e desde 2011 é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, atuando com formação de professores em licenciaturas, cursos de especialização e no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática. Realizou estágio de pesquisa na Universidade de Bolonha, Itália (2008), com financiamento CAPES (Doutorado-Sanduiche). Autora do livro “Educação Infantil e Registro de Práticas”, publicado pela Cortez Editora.

Sumário

Apresentação	06
Referencial teórico	07
As famílias na escola	10
As vivências com melecas	11
Compartilhando olhares e fazeres	13
Publicizando as vivências	14
Bebês e crianças ajudando na exposição das fotos	15
Mas para que tanta sujeira? Observando os bebês nas experimentações	16
Encontro com as famílias	17
O primeiro contato das famílias junto dos bebês e crianças	18
As famílias aceitam o convite para participar	19
Porque a sala escura?	20
Vamos nos conhecer?	22
A equipe da limpeza fica só com a sujeira?	23
Os elementos da natureza	24
Um bom encontro termina com um café e conversa agradável entre todos	26
Compartilhando vivências	28
Resgatando memórias através do registro	29
Fogo? E não é perigoso?	31
Cozidos preparados com o calor do fogo	32
Comunicando as vivências com fogo	33
O trabalho com as famílias na pandemia	34
Retomando os diálogos presencialmente	35
A pandemia muda o contexto, mas não os princípios	36
A família na escola	38
Às (aos) educadoras (es) da infância	39
Referências	40



Apresentação

Este produto educacional é resultado da pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, de autoria de Fabiana França Barbosa, com orientação de Amanda Cristina Teagno Lopes Marques.

A pesquisa trouxe a possibilidade de aprofundarmos os estudos com bebês e crianças que, em contato com elementos da natureza, fazem suas pesquisas e se aproximam de conhecimentos científicos.

Buscamos neste produto pensar em formas de envolver as famílias nas vivências e contextos trabalhados com os bebês e crianças, uma vez que consideramos essencial famílias, escola e comunidade enquanto participantes e com direito a fala dentro dos processos vividos nas escolas, uma vez que isso é garantido no Currículo da Cidade e também no Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar.

A investigação ocorreu em um Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de São Paulo, região Oeste, e teve como grupo de pesquisa uma turma com bebês e crianças na faixa etária de 1 e 2 anos.

O objetivo deste documento é apresentar a educadores, estudantes de pedagogia e famílias, o quanto as parcerias são importantes, considerando que, quanto maior a participação, maior também será a sensação de bem estar e confiança que os pais/responsáveis terão com relação ao trabalho realizado nas escolas da infância.



Referencial teórico

Quando falamos de uma pedagogia da infância que envolve a participação e envolvimento das famílias/responsáveis dentro das Unidades de Educação Infantil, temos que pensar também na desconstrução de uma pedagogia transmissiva. Se a escola não garante o fortalecimento de vínculos, a capacidade de vivenciar emoções, compartilhando o cuidar e o ser cuidado, o educar e as parcerias, passaremos tratar a escola exclusivamente como lugar de instrução e sistematização de conteúdos e conceitos, de maneira abstrata e centrada no professor.

É preciso pensar em questões que perpassam as concepções de bebês/criança, de educação da infância, de docência e de ensino. Desse modo, rompendo com uma pedagogia transmissiva e se aproximando das pedagogias participativas, encontramos olhares que nos permitem dialogar com as escolas da infância na perspectiva da participação e da escuta. Vamos falar de algumas pedagogias participativas que nos inspiram a repensar e rever os olhares.

A proposta trazida por Goldschmied e Jackson (2006) valoriza o desenvolvimento e a autonomia dos bebês, colabora com as relações de respeito mútuo entre todos os participantes da Educação da Infância e as interações com a família. O envolvimento com os pais/responsáveis nas atividades é considerado essencial para o bem estar dos bebês. O respeito às diferentes maneiras de se promover a interação é um fator que deve ser considerado.

Malaguzzi (1999) defende que se busquem ligações, conexões e se estabeleçam relações de respeito entre os envolvidos. Só assim esse trabalho, que terá o empenho de todos, fará com que a “engrenagem” funcione bem.

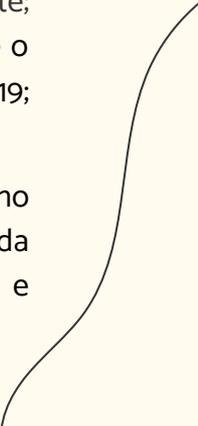


Na Pedagogia-em-Participação, há uma base sustentada por eixos que definem a intencionalidade pedagógica e aprofundam as identidades, pensando no desenvolvimento humano através da educação, cultivando o ser, os laços, a experiência e o significado (OLIVEIRA-FORMOSINHO; FORMOSINHO, 2011). A proposta considera como segundo eixo o **pertencer e participar**. Nele, destaca-se a importância do estabelecimento de uma relação de laços de pertencimento. O bebê vai construindo conectividades, reconhecendo-se na família, ampliando para a comunidade local, para sua cultura, para o Centro de Educação Infantil. Ao se sentir pertencente ao lugar, sente-se também respeitado. Se a família está envolvida nas atividades da escola, isso possibilita que o envolvimento chegue com mais facilidade aos bebês por meio dos pertencimentos participativos. Não há participação sem pertencimento, e nem pertencimento sem participação.

Para a Pedagogia-em-Participação, os pais são os primeiros educadores e as influências mais importantes na vida dos bebês e crianças. Há um respeito muito grande pelas famílias, que possuem amplo conhecimento de suas crianças e podem ajudar nos processos desenvolvidos dentro das escolas. Considera-se que cada família é diferente; não há uma única maneira de trabalhar com elas. Há, sim, um desejo de se respeitar suas vidas, suas escolhas, e o objetivo principal é proporcionar o bem-estar dos bebês e crianças. (PASCAL; BERTRAM, 2019; OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2018).



Os pais/responsáveis, que deixam seus bebês nos ambientes da escola, também precisam conhecer o trabalho que é realizado para que possam, assim, se sentir seguros. O educador, em um clima de respeito aos tempos da família, procura estabelecer vínculos, visando conhecimento mútuo, essencial para a construção de laços e estabelecimento de confiança.



O currículo da Cidade Educação Infantil (2019) da Cidade de São Paulo, alinha suas concepções às pedagogias participativas e traz a importância do envolvimento das famílias. Para garantir que bebês e crianças sejam o centro das práticas pedagógicas, é preciso que a concepção esteja bem definida no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Unidade Escolar, a fim de dar visibilidade ao trabalho de toda a equipe, bem como de toda a comunidade educativa. Este documento precisa ser um organismo vivo, com abertura para consultas, revisões, reestruturações e divulgação, de modo a garantir a escuta e o protagonismo dos bebês e crianças, a participação da comunidade e famílias, o diálogo com educadores e funcionários da Unidade. (SÃO PAULO, 2019)

Tais especificidades foram consideradas nesta pesquisa, estabelecendo a relação do currículo com o trabalho realizado e buscando publicizar os fazeres a partir das interações com as famílias que, conhecendo as propostas, compreendem e apoiam as pesquisas dos bebês e crianças, fortalecendo as explorações e aprendizagens.

Ao receber as famílias, o cuidado com a estética do ambiente foi pensado, assim como para os bebês e crianças. A oferta das materialidades, a liberdade de escolha e possibilidades de interação são aspectos que procuramos garantir.

Nos encontros com as famílias, compartilhamos os nossos fazeres para que, conhecendo, pudessem também compreender a imagem de um bebê rico em potencialidades e valorizar suas pesquisas. Tiveram a possibilidade de participar e conhecer outras famílias, estabelecendo relações de confiança entre si, com as professoras e com a escola. Receber as famílias com o mesmo carinho e cuidado com que recebemos uma visita em nossos lares para nós é fundamental. Isso repercute no processo de humanização não só dos nossos bebês como também das suas famílias.

As vivências relatadas trazem possibilidades de interação em um espaço que se considera aberto à escuta. Não pretendemos trazer receituários e nem modelos a serem seguidos, pois estaríamos com isso revelando uma pedagogia transmissiva. Propomos que os relatos sejam formas de inspiração para um trabalho participativo e democrático com os bebês, as crianças e suas famílias.



As famílias na escola

As pedagogias participativas têm muito presente a questão do envolvimento das famílias nas propostas pedagógicas, o que também é proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (2009) e pelo Currículo da Cidade (2019). Valorizar as relações, fortalecer os vínculos, aproxima as famílias do contexto escolar e traz segurança e bem-estar, tanto para o adulto quanto para os bebês e crianças, facilitando o diálogo (GOLDSCHMIED, JACKSON, 2006; FALK, 2010,2011; MALAGUZZI, 1999; PASCAL; BERTRAM, 2019; OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2018).

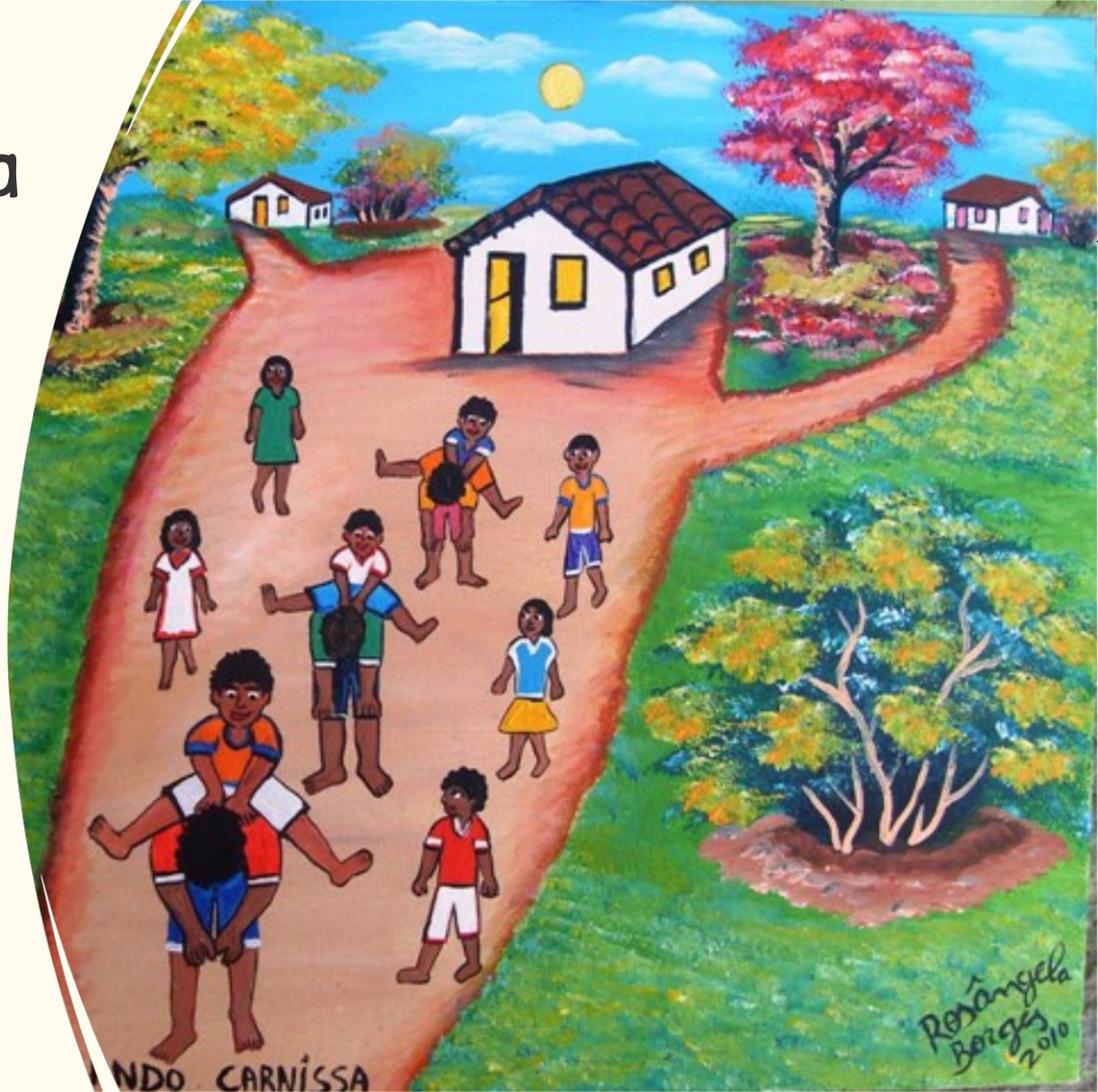
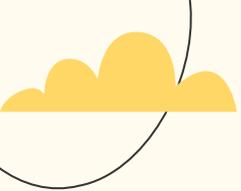


Figura 1: Pulando carniça

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/260223684705476817/>



★ As vivências com melecas



Em um dia de reunião, apresentamos a proposta de melecas e convidamos as famílias para participar. Assim como fazemos com os pequenos, procuramos estimular e ao mesmo tempo respeitar as escolhas. E o movimento de aproximação se deu de forma bem parecida com o que acontece com os bebês e crianças. Se aproximaram, observaram, circularam, e logo já estavam manipulando objetos e materialidades. Escutávamos alguns diálogos se estabelecendo:

- “É cheiroso”;
 - “É gostoso” (experimentou a mistura);
 - “Bolo de abobrinha? E fica bom?”;
 - “Eu e o Le fazia muita receita junto” (relata uma mãe que havia perdido o esposo recentemente);
 - “Que delícia! Nunca mais vou faltar nas reuniões”;
 - “O meu ficou mais claro”;
 - “O meu ficou mais escuro”;
 - “Também, você colocou muita canela”;
- 
- 
- 
- 



- “A minha massa tá lisinha”;

- “Vou mexer mais a minha”;

- “Preciso de mais farinha... mais líquido... mas açúcar”.

Após o preparo, colocaram a mistura na assadeira e, entre as conversas sobre as práticas realizadas na escola, fomos contextualizando a importância desse trabalho com os bebês. Assim, vivenciando as práticas, as famílias tiveram a oportunidade de compreender a sua importância.

Depois da vivência e de uma conversa agradável e descontraída, oferecemos o bolo de abobrinha que havíamos preparado com chá de erva cidreira que foi colhida na horta da escola.



Figura 2: As vivências com meleca
Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Compartilhando os olhares e fazeres

Do encontro com as famílias, que aconteceu na reunião de pais, registramos com fotos e transcrevemos falas. Depois, organizamos cartazes e montamos um mural.

Através de fotos, colocadas inicialmente no corredor da escola e depois de alguns dias, recolocados na sala, foi possível revelar que o trabalho com as misturas e melecas é importante, e também que consideramos a aproximação com as famílias necessárias para o trabalho.

A comunicação do pertencimento e da importância dessa interação foi feita não só para a comunidade, como também para os bebês e crianças (DAHLBERG, MOSS & PENCE; 2019).



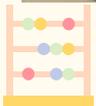
Figura 3: Compartilhando os olhares e fazeres
Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Publicizando as vivências



As fotos geraram na sala momentos de choro, de gritos e uma euforia geral. Uns não permitiam que o colega se aproximasse de seu pai ou sua mãe; queriam se apropriar das fotos. Outros se mostraram alegres ao ver não só a foto em que estava a mãe, mas também as professoras e outras mães, pais e familiares, que eles conheciam do contato diário nos horários de entrada e saída da escola.

Figura 4: Publicizando as vivências
Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)



Bebês e crianças ajudando na exposição das fotos

Após várias explorações e brincadeiras com água, utilizamos o corredor para expor as fotos, juntamente com alguns dos objetos de uso nas vivências. Algumas frases se juntaram e ajudaram no anúncio da importância da continuidade desse trabalho. Os bebês e crianças ajudaram na organização, escolha das fotos e exposição nas paredes do corredor da escola



Figura 5: Exposição do trabalho com água

Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)



Mas para que tanta sujeira? Observando os bebês nas experimentações



No ano de 2019 fizemos várias ações com as famílias. A primeira foi a intervenção de meleca.

Organizamos o ambiente para oferecer as explorações, uma vez que entendemos que ele precisa ser rico em possibilidades, pois também é um educador.

Mostra-se essencial o respeito aos tempos de cada bebê ou criança que, ao acompanhar as propostas, podem apenas observar, ou participar, permanecendo o tempo que se sentirem bem nas experimentações, aproximando-se e se afastando sempre que acharem necessário.

Valorizamos o “estar junto”, brincando e oferecendo sempre mais recursos para enriquecer as explorações. Isso é mais do que se espera de uma pedagogia transmissiva, pois vai além de manter o bebê ou a criança ocupada e a sala em ordem. Trata-se de uma proposta que procura oferecer ambientes ricos em explorações e possibilita que os partícipes façam inúmeras descobertas. Isso tem a ver com o que se acredita de um bebê e uma criança, que são pesquisadores e não executores de tarefas.



Destacamos a importância de oferecermos elementos a partir da necessidade dos bebês e crianças, que nasce da escuta atenta e da observação.



Encontro com as famílias



Figura 6: Encontro com as famílias
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

O primeiro contato das famílias junto dos bebês e crianças



Para as experiências com melecas, colocamos no espaço do solário potes plásticos, bacias, vasilhas, colheres, copos, peneiras, funis, e dentro de alguns potes, macarrão colorido de diferentes tipos: espaguete, conchinha e letrinha nas cores: rosa, roxo, laranja, vermelho.

As possibilidades de exploração são pensadas pelo educador, mas as formas como irão explorar vêm do desejo e curiosidade dos bebês e crianças. O educador é um mediador, e não determina jeitos “adequados” de se brincar. 

Nesta vivência, as famílias foram convidadas a interagir e brincar com seus bebês e crianças.



Figura 7: Contato com as vivências de melecas
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)



As famílias aceitam o convite para participar

Mesmo que mais ou menos tímidos, colocar-se na experiência de fazer com os bebês traz aos familiares um tempo que muitas vezes não sabiam que poderiam passar com seus filhos. E poder compartilhar de um momento com os pais, ajuda os bebês e crianças a se sentirem seguros e acolhidos.



Figura 8: As famílias aceitam o convite
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

Por que a sala escura?



Por vários dias, a sala foi organizada para bebês e crianças do berçário explorarem o uso das lanternas. As famílias chegavam, olhavam e perguntavam: *“O que vai rolar hoje? Quero ficar também”*.

Diante do desejo das educadoras em se aproximar e valorizar o interesse e curiosidade das famílias no trabalho realizado, o convite foi feito para que participassem um dia das vivências com as luzes.

Organizamos o espaço para que pudéssemos passar uma manhã trocando afetos e partilhando saberes.

Exploraram as lanternas, luz colorida de led, imagens refletidas no retroprojetor, caixas temáticas, tecidos coloridos e imagens penduradas pela sala.

Também aproveitamos para falar do respeito aos tempos e às pesquisas de cada bebê e criança.



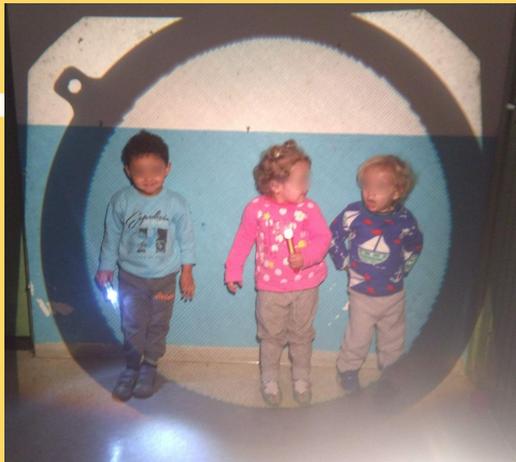


Figura 9: Porque a sala escura?
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

Vamos nos conhecer?



Se as famílias/responsáveis podem se encontrar para ouvir e aprender mais sobre as explorações e vivências dos bebês e crianças na escola, o acolhimento fica ainda mais gostoso quando podemos nos reunir após a brincadeira para um bom bate papo, sendo acolhidos com um lanche.

★
E os assuntos, dos mais diversos, perpassam os do cotidiano das famílias, que envolvem o cuidar e o educar: desfralde, chupeta, sono, alimentação, interações, estabelecendo uma relação mais próxima com as famílias e a escola e das pessoas entre si.



Figura 10: Vamos nos conhecer?
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

A equipe da limpeza só fica com a sujeira?

Consideramos importante que todos os envolvidos possam conhecer o trabalho da Unidade e, principalmente, saber qual o sentido de se oferecer tantas explorações. Convidamos as funcionárias da limpeza por considerarmos que elas também são educadoras.

Ao conhecer como os bebês e crianças aprendem e qual o nosso papel enquanto mediadores, passam a respeitar os fazeres, sentindo-se participantes do processo.



Figura 11: A equipe da limpeza participando
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)



Os elementos da natureza



As vivências dos bebês e crianças com elementos da natureza foi apresentada às famílias.

Escolhemos ✨ explorar folhas, flores, tocos, raízes, ervas, primeiramente levando-os para dentro da sala, compondo as ambiências e enriquecendo as interações, com olhares para o espaço que é organizado com materialidades colhidas no caminho da casa até a escola. ✨

Os cheiros, gostos, sensações fizeram parte das vivências nas salas do berçário. Na medida em que levamos para a sala de referência elementos como terra, fogo, água, ar, estamos buscando criar espaços de acolhimento e de humanização, não esquecendo do olhar estético para essa composição.

As famílias escutaram a fala das educadoras, que relataram a importância dessa observação e sensibilização. E comentários surgiram, evidenciando que as vivências transpõem os espaços da escola:

“Ah, é por isso que meu filho gosta de pegar folhas!”

“Ele adora levar flores para a avó.”

“Nossa, toda vez que ele pega uma folha, cheira e nos chama para cheirar também.” ✨

Os relatos das famílias são evidências do trabalho realizado na escola reverberando em seus lares. ✨





Figura 12: Brincando com elementos da natureza
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

Um bom encontro termina com um café e conversa agradável entre todos



Reunir as famílias tornou-se uma prática tão agradável que, a cada convite, as presenças  aumentavam. E, com ele, o período em que as famílias permaneciam na escola.

Sempre fazíamos o convite pensando em um encontro de uma hora aproximadamente, procurando não atrapalhar a rotina daqueles que tivessem compromissos após deixar os bebês na escola. Porém a maioria não demonstrava pressa, e esse período de uma hora se estendeu para duas, três, até que chegaram a passar a manhã toda, vivenciando toda a rotina do período da manhã. Após as explorações e conversa sobre o trabalho desenvolvido, o café era um horário mais descontraído e se estendia pelo tempo que se sentissem à vontade. Chegada a hora de fazer as trocas e higiene dos bebês, quem escolhia ficar, auxiliava também na organização do espaço e, após acompanhar o horário de almoço e chegada a hora do descanso, se despedia e ia embora, satisfeitos pela parceria e pelas partilhas.





Figura 13: Encontros
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

Compartilhando as vivências

Os registros das vivências com as famílias/responsáveis foram publicizados através de fotos colocadas em cartuchos de DVD e pendurados com malha no espaço da sala. Também colocamos cartazes com fotos dos bebês e crianças nas paredes, explicando sobre a importância do trabalho com os elementos da natureza e como fizemos tais intervenções.



Figura 14: Compartilhando vivências
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

Resgatando memórias através do registro

Os bebês, em contato com as fotos, apresentavam reações diversas, dentre elas, risos, alegrias, acolhimento do colega vendo a foto de seu familiar e chorando. Ou mesmo quem não permitia a aproximação ou o manuseio da foto de algum familiar. Por dias, diante da exposição, bebês e crianças foram se acostumando, até que não mais choravam, mas olhavam saudosos, mostrando-as para as educadoras ou para os amigos.



Figura 15: Os registros e as memórias
Fonte: Acervo da pesquisadora (2021)





Figura 16: Resgatando memórias através dos registros

Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

Fogo? E não é perigoso?

Historicamente, temos a ideia de que brincar com fogo é perigoso. Mas quando esclarecemos às famílias sobre os benefícios e oportunizamos as vivências, ajudamos a repensar essa visão e perceber que o fogo é um elemento essencial à vida e está tão presente como qualquer outro elemento.

Se preparamos um ambiente seguro, vemos o quanto ele nos chama à contemplação, à concentração, expressando sentimentos de respeito, curiosidade e entusiasmo, trabalhando outros tantos, como medo, insegurança, desafio e temor.

As famílias, convidadas a participar dessa vivência, experimentaram fazer pingos de vela na água, produzindo mandalas, giz derretido no papel e experimentaram alimentos cozidos.



Figura 17: Fogo? Não é perigoso?
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)



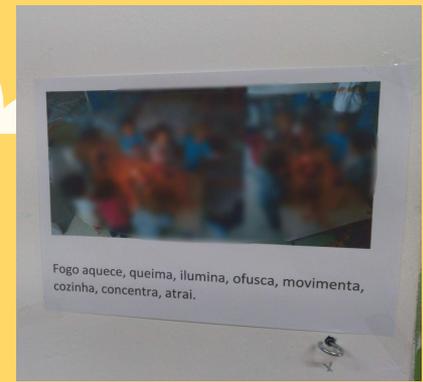
Figura 18: Cozidos pelo calor do fogo e mandalas
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

Cozidos
preparados
com o calor do
fogo

Para o aconchego das conversas,
escolhemos mandioca, batata
doce e abóbora cozidas, pão
caseiro e chá, que acolheu as
famílias e crianças durante as
experiências com o fogo.



Comunicando as vivências com fogo



Observar as imagens das famílias e das próprias experiências realizadas com o fogo oportunizou diferentes formas de comunicação para bebês e crianças. Foram menos choros e mais compartilhamentos das emoções. Mostrar para os amigos e se ver nas imagens como participantes da vivência, parece ter sido importante para a turma, que observava e compartilhava com os amigos essa alegria. As formas de expor as imagens, por cartaz, penduradas com molduras ou colocadas em cestos, ajudaram na divulgação da experiência.

Figura 19: Apresentação da experiência

Fonte: Acervo da pesquisadora (2019)

★ O trabalho com as famílias na pandemia

Apesar de não termos previsto uma pesquisa que tratasse de impactos ocorridos durante a pandemia, é importante ressaltar que em meio à escrita, tal episódio aconteceu e tomou conta do mundo todo. Entendemos ser necessário um acréscimo, compreendendo que há princípios e situações que não abrimos mão, que são para nós inegociáveis, por acreditarmos que fazem parte da oferta de uma educação infantil pública de qualidade aos nossos bebês e crianças. Desse modo, vamos relatar aqui algumas das intervenções que conseguimos fazer nesse período, e mesmo enfrentando os medos, superamos para melhor atender à comunidade. ✨

Após quase dois anos distantes das Unidades de forma presencial, devido à pandemia de COVID-19 que tomou o mundo todo, retomamos em 2021 de forma gradativa e com protocolos de distanciamento para garantir a proteção de bebês, crianças, famílias e funcionários.

O contato durante 2020 e metade de 2021 foi apenas remoto, através da ferramenta do google sala de aula e por whatsapp. ✨

O retorno permitiu repensarmos nossos fazeres, como garantir os direitos dos bebês e crianças estarem na escola e, também, pensar em cuidados que demandam pouca proximidade, sem deixar de acolher e garantir os direitos de aprendizagem de experiências e vivências com qualidade.

Retomando os diálogos presencialmente

Acreditamos no diálogo permanente e respeitoso com as famílias e disso não abrimos mão. É para nós algo inegociável. Para tanto, alguns desafios apareceram e as barreiras foram aos poucos sendo rompidas.

A proximidade aconteceu, assim como as relações de confiança foram se construindo após o retorno presencial.

Nosso primeiro convite para as famílias estarem na escola se deu no período de adaptação, respeitando os tempos de cada bebê.

Passados três meses, chamamos as famílias para compartilhar como foi esse período de trabalho na escola, ajudando também e diminuir a ansiedade das famílias de como estávamos nos cuidando e cuidando dos nossos pequenos.



Figura 20:Retomando os encontros presenciais
Fonte: Acervo da pesquisadora (2021)

A pandemia muda o contexto, mas não os princípios

A conversa com as famílias era uma necessidade que sentíamos, uma vez que já estávamos em trabalho com os bebês há três meses e as conversas aconteciam geralmente na entrada, saída ou por whatsapp.

O uso da tecnologia possibilitou que, de forma mais rápida, as informações chegassem. Comunicamos os percursos dos bebês, as vivências, podendo, mesmo sem muita proximidade física, falar do nosso trabalho.

Para o primeiro encontro presencial, procuramos manter os protocolos de segurança e levar um pouco das práticas realizadas na sala do Berçário. ✨

Mantivemos o contato, a conversa, o olho no olho, as trocas, as parcerias, na tentativa de, mesmo com tanto discurso de distanciamento, pudéssemos nos aproximar e levar um olhar respeitoso e cuidadoso com todos.

Realizamos a reunião no solário, espaço aberto e arejado, com as cadeiras distantes e todos de máscaras.

Preparamos um ambiente acolhedor, assim como fazemos diariamente com os bebês. Colocamos o tapete no chão, com brinquedos. Preparamos uma mesa com lanche, da mesma forma que organizamos os piqueniques dos bebês, com alimentos embalados individualmente, evitando assim contato e possíveis contaminações. Preparamos uma cuca de amoras, com a fruta colhida da árvore do nosso quintal. Também fizemos um suco de amoras, e apresentamos às famílias a importância de convivermos junto da natureza, tão rica, e que nos traz momentos agradáveis e acolhedores. ✨

Como forma de documentar os momentos vividos até o momento, fizemos um varal com fotos dos momentos de participação dos bebês e crianças no período presencial. Ao final do encontro, as famílias levaram as fotos que escolheram.

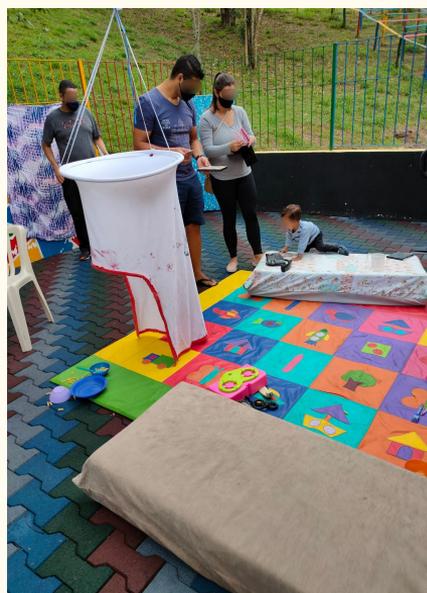


Figura 21: Acolhendo as famílias na pandemia
Fonte: Acervo da pesquisadora (2021)

★ A família na escola

Esse dia foi pensado para que pudéssemos receber as famílias e trazer um pouco das vivências nos espaços da escola.

Falamos sobre um dos nossos valores mais importantes: o respeito pelo BRINCAR. A brincadeira, nas suas mais variadas formas, tem uma função excepcional no desenvolvimento das crianças. É nosso papel garantir tempo e espaço para brincadeiras livres, jogos, histórias, relações com a natureza e com os outros, pois é nas brincadeiras que bebês e crianças criam e recriam saberes, bem como experimentam e testam novas possibilidades. E como celebramos esse dia? Brincando muito com os bebês, crianças e suas famílias! Oferecemos contação de histórias, pintura com tinta, carvão, areia colorida e leitura compartilhada.

Afirmamos também o quanto é importante essa parceria Escola e Família para o desenvolvimento das crianças.



Figura 22: Acolhendo as famílias na pandemia.
Fonte: Acervo Angélica Jaques Avelar (2021)

Às (aos) educadoras(es) da infância

Esperamos que o material aqui produzido seja inspiração para educadoras/es e pesquisadoras/es que sentem o desejo de se aproximar das famílias e buscam caminhos possíveis.

À Unidade de Educação Infantil que permitiu os registros a partir da prática, e às famílias e crianças participantes, deixamos nosso agradecimento.

Os materiais foram produzidos no cotidiano, a partir das práticas e do que compreendemos que seja importante e significativo para uma pedagogia participativa nas escolas da infância.

A parceria entre as docentes, as trocas e as aprendizagens dos momentos de interação com as famílias nos tornaram profissionais mais reflexivas e que buscam, diariamente, práticas mais acolhedoras e que respeitem todos os que fazem parte do processo educativo de bebês e crianças.

Perceber nas famílias o interesse e despertar a curiosidade para o que fazem os bebês e crianças nas escolas da infância é um investimento para a vida toda.

Compreendendo e respeitando, podem também defender as escolas da infância como espaços de viver e aprender.

Acreditamos que essa aproximação da família junto à escola proporciona, tanto para bebês e crianças, quanto para os adultos, um laço agradável de confiança, amor, respeito e companheirismo.



Referências



DALBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: Perspectivas pós modernas**. Porto Alegre: Penso, 2019

FALK, J. (org.). **Abordagem Pikler, educação infantil**. São Paulo: Omnisciência, 2010

----- **Educar os três primeiros anos**. A experiência de Lóczy. 2 ed. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2011

GOLDSHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2.ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006

MALAGUZZI, L. Histórias, idéias e filosofia básica. *In*: EDWARDS, C; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59-104.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche**. Porto: Porto Editora, 2018

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. Pedagogia-em-Participação: A perspectiva da Associação Criança. *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **O espaço e o tempo na Pedagogia-em-Participação**. Porto: Porto Editora, 2011 p. 97-117

PASCAL, C.; BERTRAM, T. Métodos participativos de coletas de informações e avaliação. *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; PASCAL, C. **Documentação Pedagógica e avaliação na Educação Infantil: um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019

SÃO PAULO, **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. São Paulo: SME/COPEP, 2019

